



PUC Minas

CENÁRIOS PUC MINAS

Conjuntura Internacional

ano 4 • nº 25 • 22 a 28/07/07 • ISSN1809-6182

Resenha

09/07/2007 – O conflito interno entre palestinos: Hamas e Fatahp.01

Desde o dia 14 de junho de 2007, o conflito na Faixa de Gaza, entre Hamas e Fatah, tem se acirrado. O Hamas tomou o controle da Faixa, por isso Mahmoud Abbas, presidente da Autoridade Nacional Palestina, membro do Fatah, dissolveu a coalizão de governo entre os dois partidos.

O conflito interno entre palestinos: Hamas e Fatah

Resenha
Segurança

Lígia Franco Prados Mello
09 de julho de 2007

Desde o dia 14 de junho de 2007, o conflito na Faixa de Gaza, entre Hamas e Fatah, tem se acirrado. O Hamas tomou o controle da Faixa, por isso Mahmoud Abbas, presidente da Autoridade Nacional Palestina, membro do Fatah, dissolveu a coalizão de governo entre os dois partidos.

O Fatah, Movimento para Libertação da Palestina, originou-se de uma organização clandestina formada por estudantes palestinos em 1957. E, em 1959, foi fundado formalmente, no Kuwait, por Yasser Arafat e outros associados. É o grupo que controla a Organização para Libertação da Palestina (OLP), por ser o movimento maior e mais forte. O objetivo principal é transformar a Autoridade Nacional Palestina em um Estado soberano palestino, democrático e multi-religioso.

O Hamas, Movimento de Resistência Islâmica, por sua vez, tem suas origens em associações religiosas. Foi fundado em 1987, após a Intifada, um levante palestino contra o controle da Faixa de Gaza e da Cisjordânia por Israel. O grupo constituiu-se no principal oponente ao Fatah, não sendo membro da OLP e tem como objetivo central o estabelecimento de um Estado islâmico palestino e a eliminação total de Israel em uma guerra religiosa. [Ver também: [Hamas](#)]

No dia 14 de junho de 2007, o Hamas declarou vitória na Faixa de Gaza após tomar o principal complexo de segurança do Fatah na Cidade de Gaza. A partir daí a tensão ao redor da cidade aumentou.

Notícias de execuções sumárias de ambos os lados têm crescido.

A operação armada do Hamas tomou de assalto a Autoridade Nacional Palestina. O controle veio depois de vários dias de luta violenta entre os movimentos rivais na Faixa de Gaza, que envolveu milhares de pessoas e resultou em centenas de feridos. Integrantes do grupo foram às ruas para celebrar a tomada do complexo do Fatah.

O presidente da Autoridade Nacional Palestina (ANP), Mahmoud Abbas, do Fatah, eleito em janeiro de 2005, decidiu, depois disso, dissolver a coalizão de governo entre Hamas e Fatah. Vale lembrar que essa coalizão foi formada após o Acordo de Meca¹, assinado em 8 de Fevereiro de 2007, pelas forças de ambos

¹ O acordo tem como principais diretrizes: 1 - o fim do derramamento de sangue palestino e a adoção do diálogo como mecanismo para a solução de desavenças políticas internas;

2 - o comprometimento das partes para a conformação de um governo de unidade nacional;
3 - a aceleração do processo de reforma da Organização para a Libertação da Palestina (OLP);
4 - a atuação conjunta, no âmbito da Autoridade Nacional Palestina (ANP), entre as diferentes forças políticas, com base no pluralismo político.

os movimentos [Ver também: [O Acordo de Meca e a formação de um governo de unidade nacional palestino](#)]. Abbas demitiu Ismail Haniyeh, Primeiro-Ministro palestino, do grupo Hamas, depois que o grupo tomou controle de Gaza e desrespeitou o acordo. Salam Fayyad, do Fatah, e ex-ministro das Finanças foi o indicado pelo presidente da ANP para a posição de novo primeiro-ministro palestino.

O conflito

Os conflitos que aconteceram, entre os grupos armados palestinos do Hamas e Fatah, na primeira semana de junho, de 2007 coincidiram com os quarenta anos da Guerra dos Seis Dias [Ver também: [Quarenta anos da Guerra de 1967](#)]. No dia 09 de junho de 2007 os choques, entre integrantes das brigadas armadas dos dois partidos, deixaram dois milicianos mortos e cerca de 50 pessoas feridas na Faixa de Gaza. No dia 10 de junho de 2007, no entanto, os grupos entraram em um acordo e decidiram estabelecer um cessar-fogo, com a mediação do Egito.

Porém, já no dia 11 de junho, novos ataques interromperam esse cessar-fogo. A tensão entre as milícias rivais do Hamas e Fatah aumentava. Homens armados atacaram a casa do então Primeiro-Ministro palestino, Ismail Haniyeh, e atiraram contra escritórios do Ministério da Cultura e dos Esportes, administrados pelo Hamas, em Gaza.

No dia 12 de junho, o Hamas deu um ultimato para que homens do Fatah fossem retirados das ruas de Gaza. O recado, transmitido pela rádio do Hamas, definiu um horário (até às 14:00 horas) para que todos os membros da guarda presidencial, da guarda nacional e outros órgãos de segurança ligados ao Fatah deixassem as ruas. Entretanto, o Fatah não respondeu prontamente à exigência.

Além de Gaza, o Hamas anunciou, no dia 15 de junho, que pretendia tomar controle

da passagem de Rafah, que liga Gaza ao Egito, em cumprimento a um acordo entre os governos palestino e israelense a passagem é monitorada por observadores europeus.

Em 16 de junho de 2007, o novo governo de emergência palestino, criado por iniciativa do presidente da ANP, Mahmoud Abbas, e liderado pelo economista Salam Fayyad tomou posse. De acordo com a Folha de São Paulo, Abbas decidiu tornar ilegal o movimento islâmico Hamas, afirmando que tanto o Hamas como seu braço armado, as Brigadas de Ezzedin al Qassam, são “ilegais, devido a suas atividades militares contra a legitimidade palestina e suas instituições.”.

No dia 28 de junho, as Brigadas dos Mártires de Al Aqsa, braço armado do Fatah, rejeitou o decreto do presidente da Autoridade Nacional Palestina, Mahmoud Abbas, que obriga todas as milícias a entregar as armas. As Brigadas afirmaram que são um grupo de resistência que “defende o país e a dignidade do povo.”. Assim como o braço armado do Fatah, o do Hamas advertiu que manterá as armas enquanto durar a ocupação israelense no território palestino.

Os dois partidos disputam o controle da segurança, de todo território palestino, desde que o Hamas venceu as eleições parlamentares de janeiro de 2006, passando a integrar o governo de coalizão com o Fatah, conforme foi acordado entre os dois grupos. Desde 2006, no entanto, mais de 630 palestinos morreram nos confrontos internos na Faixa de Gaza.

Justificativas do conflito

O Fatah e a OLP acusam o Hamas de preparar um golpe contra a Autoridade Nacional Palestina e de tentativa de repudiar o Acordo de Meca. O Comitê Executivo da OLP declarou que: “O que está acontecendo em Gaza é uma tentativa

de golpe contra a legitimidade do aparato de segurança.”. De acordo com declarações do Comitê Central do Fatah, por trás do conflito entre palestinos estão os líderes locais e integrantes do Hamas trabalhando para derrubar a unidade nacional do governo e o Acordo de Meca.

Youssef Al-Qazzaz, um colunista do diário da Autoridade Nacional Palestina *Al-Ayyam* declarou: “Um cheiro forte de Al-Qaeda está crescendo no que está sendo feito em Gaza pelas forças do caos, que está multilando a segurança palestina e matando mulheres e crianças inocentes.”.

O porta-voz do Hamas, por outro lado, acusa o Fatah de colaborar com os Estados Unidos e Israel, e reclama que a facção revolucionária dentro do Fatah foi quem se rebelou contra o governo palestino e contra os acordos assinados por Abbas e Haniyeh. O Conselheiro político de Haniyeh, Ahmad Yousef acusa também os Estados Unidos de financiar o Fatah na luta contra o Hamas.

A imprensa palestina e árabe busca a razão do conflito entre os dois partidos palestinos. Alguns afirmam que o grande motivo é a luta pelo poder, outros reforçam a culpa dos Estados Unidos e de Israel como financiadores e estimuladores do conflito, e ainda tem os que consideram o fator da afiliação tribal ou faccional.

Um colunista do *Al-Ayyam*, Ashraf Al-Ajrami, considera que estão diante de uma nova *nakba*². A sociedade palestina, segundo ele, está corroendo-se, e os valores da afiliação nacional estão desaparecendo, sendo substituídos pela afiliação tribal e faccional e por interesses pessoais.

² *Nakba* (Catástrofe), refere-se ao dia em que os palestinos perderam suas terras e foram para o exílio devido a criação do Estado de Israel, em 1948.

Na realidade Hamas e Fatah divergem muito quanto às políticas que devem ser adotadas porque o Fatah aceita a existência de Israel e quer negociar uma nova posição do Estado palestino, além de aceitar a autoridade de acordos assinados pelos palestinos, incluindo os acordos antiterroristas. O Hamas não aceita nada disso. O porta-voz do Hamas, Sami Abu Zuhri, afirma que o grupo foi forçado a tomar o controle da segurança porque os serviços de segurança do Fatah são corruptos e geravam caos.

Enquanto isso, o presidente da ANP, Abbas, na primeira declaração pública após a tomada de Gaza pelo Hamas, acusou o grupo Hamas de “terrorista assassino” e de tentar assassiná-lo. Segundo ele, o Hamas tentou assassiná-lo durante sua visita a Gaza, em maio, cavando um túnel em uma estrada por onde ele passaria. O presidente palestino diz ter recebido gravações de vídeo que mostravam a preparação do atentado. Abbas declarou que “É uma luta entre o este pequeno reino estabelecido em Gaza e o projeto nacional, entre aqueles que vem usando o assassinato para atingir seus objetivos (em referência ao Hamas), e aqueles que utilizam as leis.”.

O Hamas, no entanto, nega tais acusações e as considera lamentáveis.

Repercussão Internacional

Líderes árabes e mundiais, incluindo os Estados Unidos e a União Européia, endossaram a proposta e as acusações de Abbas.

Israel anunciou que poderá cortar linhas de força e o suprimento de água para a Faixa de Gaza, acrescentando que poderia cortar todos os laços com a Autoridade Nacional Palestina com respeito à Faixa de Gaza. Israel também anunciou que não se responsabilizaria pela Faixa de Gaza e apenas interviria no local por propósitos humanitários. O Primeiro-Ministro

israelense, Ehud Olmert, disse que se reunirá com Abbas para discutir uma forma de melhorar o processo de paz e a qualidade de vida na Cisjordânia. Mas, declarou também que considera o combate ao terrorismo um "pré-requisito" para a paz nos territórios.

A Casa Branca demonstrou preocupação com a situação na Faixa de Gaza, e acusou o Hamas de cometer atos terroristas contra o povo palestino. O porta-voz da Casa Branca, Tony Snow, afirmou que as ações do Hamas, com o intuito de controlar a Faixa de Gaza, são preocupantes.

Ademais, a Secretária de Estado estadunidense, Condoleezza Rice, declarou que apóia a decisão do presidente palestino Mahmoud Abbas de destituir a coalizão de governo e de proclamar estado de urgência nos territórios palestinos. Rice declarou que "Nós o apoiamos plenamente nas decisões tomadas que tentam dar um fim a esta crise em nome do povo palestino, que querem dar à população a chance de encontrar a paz e um futuro melhor.". O presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, e o primeiro-ministro israelense, Ehud Olmert, também defenderam a postura do presidente Mahmoud Abbas na crise palestina.

A França também manifestou apoio ao presidente palestino, assim como preocupação com a situação de violência na Faixa de Gaza. O Ministro das Relações Exteriores, Bernard Kouchner, declarou que "A França reafirma seu pleno apoio ao presidente Abbas, pilar das instituições democráticas da Autoridade Palestina, e também respalda os esforços visando a uma solução pacífica para esta crise."

A União Européia (UE), assim como os Estados Unidos, decidiu pôr fim ao embargo político e econômico à ANP, após a dissolução da coalizão do governo. A UE suspendeu sua ajuda financeira direta à ANP em abril de 2006, após a

chegada do Hamas ao governo, e condicionou a retomada do auxílio, entre outras condições, ao reconhecimento do Estado de Israel. Diante da escalada do conflito, no entanto, a EU, apesar de colocar fim ao embargo, suspendeu os projetos humanitários que desenvolve na Faixa de Gaza devido à falta de segurança na região.

Preocupada com o acirramento do conflito, a Organização das Nações Unidas (ONU) avalia o envio de tropas internacionais de paz, para a Faixa de Gaza. A UE diz estar disposta a enviar soldados e os Estados Unidos também se declararam dispostos a apoiar o envio de uma força de paz à Faixa de Gaza, conforme o sugerido por Ban Ki-moon, Secretário-Geral da ONU.

No Brasil, o Itamaraty divulgou uma nota na qual comenta a crise da segurança na faixa de Gaza e na Cisjordânia, afirmando que o governo brasileiro tem acompanhado com preocupação o acirramento dos confrontos entre grupos palestinos na região.

Esse conflito pode trazer muitos malefícios à comunidade palestina. O governo de unidade nacional, incluindo Fatah, Hamas e outros grupos, poderia ajudar essa comunidade. Caso isso não ocorra, ninguém mais poderá fazê-lo pelo povo palestino. Com o acirramento do conflito, vários países e organizações suspenderam projetos na região.

A França já havia suspenso projetos sociais na Faixa de Gaza. E a ONU também declarou que fez o mesmo devido ao fechamento de fronteiras, depois que o Hamas tomou a Faixa de Gaza. "Vários projetos, no valor de US\$ 93 milhões, estão suspensos após o fechamento das fronteiras, já que são por elas que entram regularmente os materiais enviados a Gaza.", afirmou o relatório da Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados Palestinos (UNRWA - sigla

em inglês) divulgado no dia 09 de julho de 2007.

Referência

PASSIA Publicações. **Dictionary of palestinian political terms**. Abril 2004. 152 pags.

Sites:

Autoridade Palestina

<http://memri.org/palestinian.html>

Centro de política e pesquisa palestino

<http://www.pcpsr.org/index.html>

Folha Online

<http://www.folhaonline.com.br>

Haaretz

<http://www.haaretz.com>

MIFTAH

<http://www.miftah.org>

Ver também:

16/02/2005 – [Hamás](#)

09/02/2006 – [Hamás vence as eleições parlamentares na Palestina](#)

23/02/2006 – [Com nova liderança, Parlamento Palestino pode sofrer sanções políticas e financeiras](#)

28/02/2007 – [O Acordo de Meca e a formação de um governo de unidade nacional palestino](#)

20/06/2007 – [Quarenta anos da Guerra de 1967](#)

Conjuntura Internacional

Pontifícia Universidade Católica – MG

Presidente da Sociedade Mineira de Cultura: Dom Walmor Oliveira de Azevedo

Grão-Chanceler: Dom Walmor Oliveira de Azevedo

Reitor: Prof. Eustáquio Afonso Araújo

Vice-reitor: Dom Joaquim Giovani Mol Guimarães

Assessor especial da reitoria: Prof. José Tarcísio Amorim

Chefe de Gabinete do Reitor: Prof. Osvaldo Rocha Tôrres

Conjuntura Internacional

Chefia do Depto de Relações Internacionais: Prof. Javier Alberto Vadell

Coordenação do Curso de Relações Internacionais: Prof. Javier Alberto Vadell

Coordenação-Geral: Profa. Liana Araújo Lopes

Conselho acadêmico: Prof. Danny Zahreddine; Profa. Liana Araújo Lopes; Prof. Rodrigo Corrêa Teixeira

Membros: Andre Klausung; Celeste Cristina Badaró; Diego Paes; Diego Pereira; Fernando Maia; Joana Laura Nogueira; Lígia Mello; Luiz Fernando Moura e Castro; Raphael Rezende Esteves.

Os textos aqui divulgados são de inteira responsabilidade de seus autores e não representam a opinião oficial do grupo.

Av: Itaú, 525, 2º subsolo, Prédio Redentoristas – Dom Bosco - Belo Horizonte - MG - CEP 30850-035 Tel: (31)3319-4426 email: ci@pucminas.br website: <http://www.pucminas.br/conjuntura>